

O Peso e a Leveza do Amor

Alberto Carvalho

Há quem diga que o amor pesa, que é âncora, grilhão, obstáculo à liberdade.

Outros afirmam o contrário: que é leve, quase inconsistente, feito de instantes que mal se seguram nas mãos.

Talvez ambos tenham razão, porque o amor é, ao mesmo tempo, peso e leveza.

O que nos prende é também o que nos liberta; o que nos cansa é também o que nos sustém.

Recordo uma noite de inverno em que vi um casal envelhecido caminhar devagar numa rua quase deserta.

Ele apoiava-se no braço dela como quem ainda encontra no corpo do outro a muleta possível.

O gesto não tinha grandeza, não havia música a acompanhar a cena, apenas o arrastar dos pés e o murmúrio de uma conversa mínima.

E, no entanto, nesse instante, compreendi que o amor é também uma forma de resistência.

Quem resiste a cair, resiste porque tem ao lado alguém disposto a partilhar a queda.

Fala-se tanto de paixão que quase esquecemos a persistência.

A paixão tem luz própria, explode em clarões que iluminam as paredes e deixam marcas na pele.

Mas é o amor que permanece quando a luz se apaga.

É ele que recolhe os fragmentos da festa e os transforma em rotina.

Há quem veja nisto um empobrecimento: transformar fogo em cinza, raio em brasa.

Eu vejo o contrário. É no que sobra depois do incêndio que se descobre se houve, de facto, um encontro.

Amar é suportar o tempo.

Mais: é dar-lhe sentido.

Sozinho, o tempo é um abismo que se atravessa em silêncio, com passos contados.

A dois, o tempo reinventa-se: deixa de ser apenas sucessão de dias e torna-se uma história.

Não há maior invenção humana do que esta: transformar o fluxo indiferente das horas em narrativa, em memória partilhada, em laço.

Mas o amor não é indulgente.

Pesa também.

Pesa quando exige paciência, quando revela defeitos que gostaríamos de ignorar, quando nos obriga a abdicar de um pedaço de nós.

Pesa quando se transforma em espera, quando o silêncio do outro é demasiado longo, quando a distância é maior do que a força que resta. Nesse momento, o amor é cruz: levamo-lo às costas sem saber se a meta vale o esforço.

E, no entanto, ninguém sobrevive sem esse peso.

Quem tenta viver só da leveza acaba por se perder na superfície.

É preciso aceitar que o amor é contraditório, que oscila entre a dor e a bênção, entre o riso e a ferida.

O amor é humano porque é instável.

Se fosse perfeito, não nos caberia nas mãos.

Escrevo isto num tempo em que as relações parecem ter-se tornado descartáveis.

O amor mede-se em mensagens instantâneas, em fotografias que se apagam com um gesto, em encontros que duram menos do que o eco de um sorriso.

A leveza tornou-se regra e o peso passou a ser visto como ameaça.

Mas será possível amar sem carregar?

Será possível amar sem deixar que o corpo e a alma se marquem?

Recordo uma frase de Simone Weil: “amar alguém é dizer-lhe: tu não morrerás”.

Talvez seja a mais radical das definições.

O amor é, no fundo, essa tentativa absurda de suspender a morte, de prometer ao outro uma permanência que sabemos impossível.

Mas é nesse gesto impossível que se encontra a grandeza.

Quando dizemos “tu não morrerás”, não estamos a negar a biologia: estamos a afirmar que, na nossa memória e no nosso cuidado, o outro permanecerá.

É curioso como o amor precisa tanto da carne como da ausência.

Há amores que se tornam mais fortes depois da separação, quando já não se toca mas se recorda. Há presenças que só se reconhecem depois da perda.

Amar é também aprender a conviver com o que falta. Não é só encontro, é também vazio partilhado.

Sei que estas palavras podem soar excessivas, como se o amor fosse sempre grandioso, trágico, digno de epopeia.

Não é.

Muitas vezes, o amor é um gesto mínimo: trazer um copo de água, dobrar uma manta, esperar sem perguntar.

O que faz dele algo maior não é o gesto em si, mas a constância. Amar é repetir sem que a repetição seja prisão. É transformar a rotina em cuidado.

Na literatura, o amor aparece quase sempre como excesso: Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, amores que desafiam famílias, leis, até a própria vida.

Mas a vida real raramente suporta tais excessos.

O amor quotidiano é menos teatral, mas talvez mais profundo.

Porque não precisa de palco, nem de aplausos: basta-lhe durar.

Um amigo dizia-me que amar é como carregar uma mala antiga.

Pesa, sim, mas dentro dela estão as memórias, os objetos, as cartas, tudo o que não queremos perder.

Podemos, a cada viagem, pensar em deixá-la para trás, mas no momento de partir é sempre a primeira coisa que agarramos.

Talvez seja esta a melhor imagem do amor: um peso que não dispensamos porque nos dá sentido.

E assim volto à cena inicial: o casal envelhecido na rua.

O peso do corpo apoiado no outro não era fardo, era promessa.

Não havia leveza sem aquele peso.

Talvez seja essa a lição: o amor não nos livra do peso, mas transforma-o em leveza suportável.

É nesse paradoxo que se joga a vida inteira.

AC